

“O POVE UNIDE JAMAIS SERÁ VENCIDE”: METAPRAGMÁTICAS DE VIOLÊNCIA LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA NO X

“O POVE UNIDE JAMAIS SERÁ VENCIDE”: METAPRAGMATICS OF LINGUISTIC-DISCURSIVE VIOLENCE ON X

Rodrigo Albuquerque¹

Gabriela Cristina de Souza Lopes²

RESUMO

Considerando que as comunidades LGBTQIA+ testemunham recorrentes estratégias de deslegitimação quanto ao uso da linguagem não-binária em interações mediadas *on-line* que afetam não apenas a escrita, por si só, mas também ameaçam a própria existência, visamos analisar de que modo a ironia deslegitima o uso da linguagem não-binária e, portanto, constrói metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no X (antigo *Twitter*). No âmbito teórico, aventamos um debate concernente às ideologias linguísticas, às metapragmáticas, à proxêmica linguístico-discursiva e à impolidez na formulação de um *framework* para o estudo da violência linguístico-discursiva entre os domínios da Sociolinguística Interacional e da Pragmática, inter-relacionando esse conjunto teórico às discussões na esfera da linguagem não-binária. No âmbito metodológico, apresentamos os procedimentos adotados nesta pesquisa, orientados por um enquadre netnográfico, crítico e, sobretudo, qualitativo, que envolvem a seleção de uma interação: uma *thread* e os comentários (em reação à *thread*) que abordam a relação entre a prova de redação do Enem e o emprego da linguagem não-binária. No âmbito analítico, evidenciamos que os/as interagentes usaram a ironia não só para deslegitimar o uso da linguagem não-binária na construção de metapragmáticas de violência linguístico-discursiva (interagentes A, B e E), mas também para legitimar tal uso (interagentes C e D). Reiteramos, por fim, ser primordial o desenvolvimento de uma consciência metapragmática para diagnosticar violências e, assim, referendar escolhas léxico-gramaticais não binárias que se alinham às constituições identitárias de pessoas igualmente não binárias.

PALAVRAS-CHAVE: Violência linguístico-discursiva. Linguagem não-binária. Ironia. X.

ABSTRACT

Considering that LGBTQIA+ communities witness recurring delegitimization strategies regarding the use of non-binary language in online-mediated interactions, which not only affect writing per se but also threaten their existence, we aim to analyze how irony undermines the use of non-binary language and constructs metapragmatics of linguistic-discursive violence on X (formerly *Twitter*). Theoretically, we engage in a debate concerning linguistic ideologies, metapragmatics, linguistic-discursive proxemics, and impoliteness in formulation a framework for the study of linguistic-discursive violence within the Interactional Sociolinguistics and Pragmatics domains, interrelating this theoretical set to discussions in the scope of non-binary language. Methodologically, we present the procedures adopted in this research, guided by a netnographic, critical and qualitative framework, involving the selection of an interaction: a thread and the comments (in response to the thread) addressing the relationship between the Enem essay test and the use of non-binary language. Analytically, we demonstrated that the interactants used irony not only to delegitimize the use of non-binary language in the construction of metapragmatics of linguistic-discursive violence (interactants A, B, and E)

¹ Universidade de Brasília (UnB), rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5279-4311>.

² Universidade de Brasília (UnB), bsb.gabriela.lopes@hotmail.com, <https://orcid.org/0009-0001-3979-7227>.

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

but also to legitimize such use (interactants C and D). Finally, we reiterate the importance of developing a metapragmatic awareness to diagnose instances of violence and endorse non-binary lexical and grammatical choices that align with the identity constitutions of equally non-binary people.

KEYWORDS: Linguistic-discursive violence. Non-binary language. Irony. X.

1. Considerações iniciais

Para muitos campos do saber, no que tange aos estudos da língua(gem), beira ao truísmo a ideia de que a língua transcende a expressão de um sistema abstrato e divorciado das projeções ideológico-identitárias de sujeitos em interação. A díade língua e discurso molda um *esqueleto externo* que encapsula “... processos socioculturais de natureza lingüístico-discursiva e político-ideológica”, adquirindo, implícita ou explicitamente, função metapragmática (Signorini, 2008, p. 117). A língua é ideologicamente saturada (Bakhtin, 2010), visto que as formas linguísticas acionam as perspectivas ideológico-identitárias de interagentes inscritos/as em distintas práticas socioculturais. Sob essa perspectiva, dada questão linguística jamais será *mera* questão linguística, uma vez que “qualquer que seja o ponto de que se parta para entender uma língua, sua constituição reflete a relação de poder da sociedade que a utiliza” (Carvalho, 2022, p. 125).

Não é incomum que emergjam de tais práticas socioculturais discursos que invalidam a diversidade linguística. Com frequência, as interações mediadas *on-line* (Thompson, 2018) são permeadas por argumentos irônicos – como: *use linguagem neutra lá no Enem, afinal o pove unide jamais será vencide* – que, sob o disfarce de defesa do bom uso da língua, regimentam metapragmáticas de violência linguístico-discursiva. Enunciados assim não somente validam a expressão da norma curta (Faraco, 2008) e, assim, invalidam o *iceberg* ideológico denominado norma oculta (Bagno, 2013), como, em especial, violentam interlocutores/as que, no âmbito da superdiversidade (Vertovec, 2006), têm as trajetórias e as necessidades particulares ameaçadas.

Sob essa ótica, interações permeadas por vestígios de linguagem não-binária³ aventam debates que transcendem os domínios linguísticos – embora, muitas vezes, os argumentos se situem em tais domínios – para construir verdadeiras lutas metadiscursivas (Silverstein; Urban, 1996) que fazem emergir uma postura colonial em relação aos modos não só de falar, mas principalmente de ser. Enunciar que a gramática está sendo assassinada e precisa ser defendida pelos/as policiais da língua significa veementemente negar que a língua é, na metáfora de Bagno (2001), rio caudaloso e vivo; assim como que “qualquer grupo social apresenta, no âmbito do dialeto que lhe é próprio, normas linguísticas que lhes são também próprias” (Mattos e Silva, 2004, p. 71), uma vez que cada grupo social tem, invariavelmente, sujeitos com necessidades interlocutivas particulares. Mais que negar

³ Embora seja relativamente consensual a expressão *linguagem neutra*, por fazer referência ao gênero [gramatical], concebemos que ela aciona metapragmáticas que, ao visibilizarem a luta por legitimação gramatical, opacificam a luta por legitimação, a um só tempo, linguístico-discursiva e político-ideológica de corpos que são constantemente violentados, perspectivando, insuficientemente, o debate relativo ao gênero [social]. Assumimos que *linguagem não-binária* faz emergir uma agência identitariamente mais marcada. No entanto, iremos manter, neste texto, as expressões (*linguagem neutra/não-binária*) em consonância com o uso dos/as autores/as eventualmente citados/as.

a diversidade [na diversidade] (Vertovec, 2006), tal postura nega a diversidade que incomoda. Ou melhor, nega a existência de um/a usuário/a que, inscrito/a em uma sociedade superdiversa (Vertovec, 2006), incomoda.

A partir do pressuposto de que as comunidades LGBTQIA+ foram/são, frequentemente, vulnerabilizadas, sobretudo no período (pós)pandêmico, e que o *Twitter*⁴ inscreve os sujeitos em cenário de potencial violência linguístico-discursiva (Albuquerque; Sousa, 2022), tendo em vista o estatuto interacional das redes sociais – as interações mediadas *on-line* são constituídas por tempo e espaço estendidos, reduzido leque de pistas simbólicas, caráter dialógico, e interação de muitos/as para muitos/as (Thompson, 2018) –, almejamos analisar de que modo a ironia deslegitima o uso da linguagem não-binária e, por conseguinte, constrói metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no *X* (antigo *Twitter*).

Adensa, ainda, essa justificativa a análise de Oliveira *et al.* (2020), a partir do Coletivo #VoteLGBT, em que constatam que violências motivadas por LGBTIfobia se aprofundaram tanto nas residências quanto nas ruas, muitas delas incentivadas pelo discurso de representantes do governo e pelas famílias que não aceitam expressões de diversidade dissonantes do modelo cisheterossexual. Logo, combater violências agudas (durante a pandemia) e crônicas (após a pandemia) envolve proteger existências, dado que pessoas LGBTQIA+ vivenciam situações de violência que transcendem a mera troca de ofensas em redes sociais. Tais violências não apenas vulnerabilizam o falar, mas também vulnerabilizam o ser e o existir.

A seguir, discorreremos, na segunda seção, sobre as noções de ideologias linguísticas (Silverstein, 1979; Woolard, 1998; Irvine; Gal, 2000; Blommaert, 2014), metapragmáticas (Silverstein, 1976, 1979, 1993, 2003; Signorini, 2008; Silva; Alencar, 2013; Fabrício, 2014, 2016; Pinto, 2019), proxêmica linguístico-discursiva (Albuquerque; Muniz, 2022) e impolidez (Lakoff, 1973; Leech, 1983; Brown; Levinson, 1987; Culpeper, 1996; Eelen, 2001; Watts, 2009; Haugh, 2007; Bousfield, 2008; Grainger, 2011; Kádár; Haugh, 2013; Haugh; Culpeper, 2018; Blitvich; Sifianou, 2019; Blitvich, 2021). A partir desse conjunto teórico, buscaremos – entre os domínios da Sociolinguística Interacional e da Pragmática – sugerir um *framework* para o estudo da violência linguístico-discursiva.

Na sequência, daremos breve tratamento teórico aos estudos relativos à linguagem não-binária (Borba; Lopes, 2018; Lau; Sanches, 2019; Barbosa Filho; Othero, 2022; Bentes *et al.*, 2022; Carvalho, 2022; Othero, 2022; Possenti, 2022; Signorini; Lucena, 2023), na terceira seção, com especial destaque para a inter-relação dessa temática com cenários de violência linguístico-discursiva. Na quarta seção, faremos menção aos procedimentos de pesquisa, que se orientam tanto por uma episteme exclusivamente qualitativa (Mason, 2002; Flick, 2009; Stake, 2011; Minayo, 2017) quanto pela combinação da Netnografia (Kozinets, 1997, 2014) e da Análise de Discurso Crítica (Bessa; Sato, 2018), de modo que possamos, a partir desses dois métodos, contemplar, respectivamente, a dinâmica

⁴ Embora o nome atual da rede social seja *X*, manteremos *Twitter* quando a plataforma for assim denominada por autores/as eventualmente citados/as neste artigo.

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

das relações em ambiente virtual e um olhar crítico para o problema social, que é a emergência da violência linguístico-discursiva no X. Na quinta seção, analisaremos uma interação que relaciona o uso da linguagem não-binária com a prova de redação do Enem – a *thread*⁵ e os comentários em reação à *thread* – (des)legitimando usuários/as que se manifestam por meio de recursos linguístico-discursivos não-binários.

2. Metapragmáticas de violência linguístico-discursiva: um olhar sociointeracional

Nesta seção, apresentaremos um debate relativo à violência linguístico-discursiva, a partir da relação entre as ideologias linguísticas, as metapragmáticas, a proxêmica linguístico-discursiva e a impolidez. Se “qualquer configuração linguística é potencialmente indexical” (Silverstein, 1979, p. 206), é preciso reconhecermos que tudo o que falamos ou escrevemos – em interações orais, escritas ou digitais – aponta para determinado contexto. Logo, os sentidos decorrem da convergência entre o cotexto (o posto) e o contexto (o pressuposto) – isto é, das informações disponíveis na explicitude e das informações inferidas na implicitude. Seja na explicitude, seja na implicitude, tais informações são acessadas a partir das experiências dos/as interagentes, em decorrência das dimensões objetivas e subjetivas que integram a composição dos contextos (Van Dijk, 2012) a que tais interagentes se afiliam.

Segundo Blommaert (2014, p. 68), “... as ideologias linguísticas são crenças, ideias, visões e percepções sobre linguagem e comunicação”, congregando formas/funções linguísticas e quadros mais amplos de comportamentos. No campo das ideologias linguísticas, destacamos que os/as usuários/as da linguagem (i) desempenham significados, valendo-se da língua como *um* modo de produção de significado (Blommaert, 2014); (ii) moldam a própria compreensão sobre o uso das variedades linguísticas em dado campo sociolinguístico (Irvine; Gal, 2000); e (iii) conectam a experiência na língua(gem), por meio de representações implícitas e explícitas, à identidade, à estética, à moralidade e ao conhecimento (Woolard, 1998). Em síntese, essas ideologias encapsulariam “quaisquer conjuntos de crenças sobre a língua articulados pelos/as usuários/as como racionalização ou justificação de estrutura e de uso linguístico percebidos” (Silverstein, 1979, p. 193).

Esses significados indexicais (ideológicos) constroem metapragmáticas, na medida em que, consoante Blommaert (2014), nos comunicamos não só *em*, mas também *sobre* a nossa comunicação. Logo, as metapragmáticas geram uma calibragem pragmática (Silverstein, 1993); acionam uma espécie de reflexividade (Fabrício, 2014); orientam a interpretação (Pinto, 2019); representam, por meio de signos, o nosso modo de estar-no-mundo (Silva; Alencar, 2013); descrevem, avaliam, condicionam, orientam e regulamentam os usos da linguagem (Signorini, 2008); articulam as dimensões referencial e não referencial (Fabrício, 2016; Silverstein, 1976); e congregam enquadres microssociais e macrossociais (Silverstein, 2003).

⁵ Rocha e Montalvão Neto (2021, p. 2) definem *threads* como “uma nova forma de processo argumentativo, a partir do qual os usuários da rede social defendem os seus pontos de vista sob diferentes aspectos”.

A noção de proxêmica linguístico-discursiva (Albuquerque; Muniz, 2022) decorre da convergência entre os conceitos de proxêmica (Hall, 1963) e de proxêmica verbal (Carreira, 1997). O primeiro diz respeito à regulação das distâncias interlocutivas (dimensão espacial): marcações posturais, orientações espaciais, manifestações cinésicas, direcionamento de olhar, contato físico, sensação térmica, percepção olfativa e volume de voz (Hall, 1963). O segundo, por sua vez, diz respeito à proposta de Carreira (1997), que consiste na transposição metafórica do primeiro conceito (relações espaciais) para a instância verbal (relações não-espaciais). Ao conceber que as distâncias interlocutivas se estabelecem no plano verbal, a autora (1997) elenca três fatores que influenciam a regulação de tais distâncias, a saber: a (as)simetria das interações, a projeção dos sujeitos no mundo e o uso de polidez linguística.

A partir da contribuição de ambos os conceitos, Albuquerque e Muniz (2022, p. 8591) sugerem que a proxêmica linguístico-discursiva se constitua como “... mecanismo que regula as distâncias estabelecidas/construídas pelos/as interagentes tanto nas dimensões materiais (cotexto) quanto nas dimensões subjetivas (contexto), o que engloba, por conseguinte, instâncias verbais e não verbais”. Assumem, ainda, que o chamamento *tia* seria um exemplo de redução da distância interlocutiva na cultura brasileira, mas que, conforme o contexto, poderia ter sentido afetivo ou pejorativo (Albuquerque; Muniz, 2022). Ao analisarem uma charge, as colaboradoras de pesquisa avaliaram que o uso de *tia* parecia “... desafiar, debochar, provocar, desautorizar, romper hierarquias pressupostas na relação, despessoalizar [...] e destituir a pessoa de seu lugar de fala” (Albuquerque; Muniz, 2022, p. 8598), o que colaborou para a conclusão de que a redução interlocutiva – na análise feita – se relacionava, de algum modo, à violência.

No que tange à noção de (im)polidez, há uma extensa discussão sobre o tema. Em suma, faremos referência aos estudos de primeira, de segunda e de terceira ondas, cujos focos incidem, respectivamente, nas esferas linguística (micro), sociodiscursiva (macro) e sociointeracional (meso). Os trabalhos inscritos na primeira onda estudam a (im)polidez a partir das estratégias linguísticas (em domínio, portanto, frástico), pautam-se em modelos panculturais/universais e focalizam a perspectiva ética (a (im)polidez sob a ótica do/a pesquisador/a). Sob esse prisma, Lakoff (1973) recomenda não sermos impositivos/as, oferecermos opções e fazermos com que o/a outro/a se sinta bem; ao passo que Leech (1983) sugere equalizarmos custos e benefícios interacionais (endereçarmos os custos a nós mesmos/as; e os benefícios, ao/à outro/a).

A partir da noção de face – a imagem social que os/as interagentes convocam para si e para os/as outros/as em dado contato (Goffman, 1967) –, Brown e Levinson (1987) situam que podemos (1) ameaçar, em alguns contextos específicos, diretamente a face sem reparo; ameaçar diretamente a face com reparo por meio (2) de superestratégias de polidez positiva e (3) de superestratégias de polidez negativa; (4) ameaçar indiretamente a face e (5) não ameaçar a face. Por sua vez, Culpeper (1996) transpõe esse debate para o campo da impolidez, concebendo ser possível (1) ameaçar diretamente a face sem ação reparadora; ameaçar diretamente a face sem ação reparadora por meio

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

(2) de superestratégias de impolidez positiva e (3) de superestratégias de impolidez negativa; (4) ameaçar indiretamente a face (insinceridade, brincadeira, sarcasmo, ironia) e (5) não ameaçar a face. Neste trabalho, focalizaremos a ameaça indireta à face (Brown; Levinson, 1987; Culpeper, 1996), considerando a linha tênue entre a polidez (Brown; Levinson, 1987) e a impolidez (Culpeper, 1996); assim como, evidentemente, a ironia e o sarcasmo.

Os trabalhos inscritos na segunda onda trazem algumas críticas aos estudos de primeira onda, como o uso de exemplos descontextualizados (Grainger, 2011); o foco analítico apenas no/a pesquisador/a (Eelen, 2001; Watts, 2009; Grainger, 2011; Blitvich, 2021); a perspectiva universalista (Eelen, 2001); e a restrita noção de contexto (Eelen, 2001), defendendo-se que as estruturas linguísticas não carregam, por si só, significados (im)polidos intrínsecos⁶ (Blitvich, 2021). Como principais atributos da segunda onda, destacamos o combate à centralidade dada aos enunciados (às estratégias linguísticas); o foco na perspectiva êmica (a (im)polidez sob a ótica do/a colaborador/a de pesquisa); e, sobretudo, as lutas discursivas, que são mais relevantes do que a avaliação da (in)adequação social, consoante Haugh e Culpeper (2018).

Os trabalhos inscritos na terceira onda trazem algumas críticas aos estudos de segunda onda, a saber: a negligência à análise das estratégias linguísticas, em função do foco excessivo tanto no contexto quanto nas avaliações subjetivas (Haugh, 2007; Grainger, 2011; Blitvich; Sifianou, 2019); e a exacerbação da voz do/a colaborador/a, com o conseqüente apagamento da voz do/a pesquisador/a (Haugh; Culpeper, 2018), defendendo-se que a (im)polidez não se instancia nem no uso linguístico, nem na norma social, mas nas práticas sociais (Kádár; Haugh, 2013). Os estudos de terceira onda não apenas integram enunciado, discurso e troca interacional (Bousfield, 2008), mas também realizam uma análise holística da interação (Grainger, 2011).

De figura de linguagem a estratégia comunicativa, discursiva e argumentativa (Brait, 2008; Lopes, 2009; Machado, 2014), nem sempre a serviço do riso (Brait, 2008), a ironia é, nos estudos da linguagem, um fenômeno que é ainda pouco tratado, apesar de muito referido. Nosso intuito, aqui, seria tratar desse fenômeno verbal/lingüístico (Dynel, 2015) como estratégia de (im)polidez. Assegura Tselika (2015) que ela pode ter dois lados: um que faz o bem (a ironia jocosa) e outro que machuca (o sarcasmo). No âmbito dos estudos da (im)polidez, assumimos que ela não deve ser considerada apenas como estratégia de preservação da face, como propõem Brown e Levinson (1987), mas também como estratégia comunicativa para desafiar, confrontar, desvalorizar, causar desconforto e desagrado ao/à interlocutor/a (Culpeper, 1996). Nesse último caso, a ironia funcionaria como estratégia de agravamento da face (Tselika, 2015), o que, então, poderia gerar cenários de violência linguístico-discursiva nas instâncias da interação.

Em consonância com Tselika (2015), a ironia, situada no equilíbrio entre a polidez e a impolidez, apresenta graus distintos de ofensividade, com três atributos particulares: a polidez excessiva pode adquirir tom irônico, sendo, neste caso, julgada como insincera; as críticas feitas de forma irônica

⁶ Fraser e Nolen (1981) já destacavam, na década de 1980, não haver estratégias inerentemente impolidas.

permitem criticar sem atacar, em atendimento à adequação social esperada nas interações; e a expressão irônica, a depender da reação do/a interlocutor/a, pode ser cancelada, negando-se, assim, essa intenção (irônica). A ironia pode mitigar uma ameaça à face inerente a certa crítica, bem como ameaçar, de fato, a face (Jorgensen, 1996; Bell, 2018, por exemplo). Diante dessas peculiaridades, visionamos um contínuo da ironia (entre a polidez e a impolidez) ao sarcasmo, sendo o último a forma agressiva da ironia (Giora; Attardo, 2014) que ameaça a face – por vezes – sob o invólucro de falsa polidez (Dyner, 2015).

Para que tenhamos um olhar sociointeracional para a violência linguístico-discursiva, é necessário frisar, antes de tudo, que concebemos que “violência e impolidez não assumem entre si uma sinonímia pragmática, visto que aquela transcende esta (e esta é, portanto, a linha basal para a construção daquela)” (Albuquerque; Sousa, 2022, p. 378). Albuquerque e Sousa (2022) argumentam que a violência se relaciona com as vulnerabilidades emergentes das relações interpessoais. Em sintonia com esse pensamento, avaliamos que o cenário de violência pode, então, atingir pessoas que se identificam com o uso da linguagem não-binária, em nítida postura LGBTQIA+fóbica de ameaça à existência dessas pessoas, regimentando-se metapragmáticas de violência linguístico-discursiva. Tselika (2015, p. 90) destaca que “o principal fator proposto para afetar a força da ironia é a diferença de poder entre os/as interlocutores/as”, o que significa que a própria ironia pode ratificar tais vulnerabilidades e afetar existências LGBTQIA+.

Para o estudo da violência, assumimos a nossa adesão aos estudos de terceira onda, à proporção que tais estudos, segundo Albuquerque e Alves (no prelo), privilegiam a análise de estratégias de (im)polidez (primeira onda), considerando-se as disputas discursivas regidas por enquadres (contra)hegemônicos (segunda onda) em interações co(n)textualmente situadas. Por essa razão, eleger a interação como a nossa unidade de análise engloba as ideologias linguísticas propagadas; as metapragmáticas regimentadas; as regulações proxêmicas instituídas; bem como as avaliações (inter)subjetivas relacionadas ao uso de estratégias de (im)polidez. A ironia, por sua vez, emergiria de estratégias de (im)polidez que – a partir tanto da avaliação (inter)subjetiva no contínuo entre a ironia (da polidez à impolidez) e o sarcasmo quanto das disputas discursivas regimentadas – podem promover relações mais/menos harmônicas/conflituosas.

3. Linguagem não-binária e a emergência de cenários de violência linguístico-discursiva

Nesta seção, não intencionamos fazer uma revisão de literatura sobre linguagem não-binária (ou mesmo linguagem *neutra*), mas reiterar a relação entre esse uso e a emergência de cenários de violência linguístico-discursiva, haja vista que “... a *linguagem neutra* assumiu a função de mais um indexador do rol de inimigos a serem combatidos e eliminados pelo ativismo algorítmico” (Signorini; Lucena, 2023, p. 10). Nossa primeira inspiração para tratar do assunto vem da obra *Linguagem “neutra”: Língua e gênero em debate* (Barbosa Filho; Othero, 2022), que se sintonizou com outras

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

produções acadêmicas que, em alguma medida, ratificavam essa inter-relação. A seguir, teceremos algumas *notas* sobre linguagem não-binária e, paralelamente, frisaremos a inter-relação pretendida.

No prefácio da obra, Othero (2022) traz alguns questionamentos que têm circulado sobre o assunto nos últimos anos e situa a linguagem *neutra* como fenômeno de linguagem. De modo geral, a obra discute a temática nos âmbitos gramatical, variacionista, discursivo e pedagógico, reunindo distintos/as pesquisadores/as para refletirem sobre esse fenômeno. Destacamos, da obra, as contribuições de Possenti (2022), ao trazer uma abordagem gramatical que situaria o emprego dos morfemas no âmbito discursivo; de Bentes *et al.* (2022), ao investigarem o uso de recursos linguísticos sintonizados com uma concepção de linguagem *neutra* em textos que se autodenominariam feministas; e de Carvalho (2022), ao estudar pronomes que estariam em consonância com as identidades de pessoas que pertencem às comunidades LGBTQIA+.

A partir de Possenti (2022), assumimos que a fragilidade atribuída ao uso da linguagem não-binária advém da própria origem – uma militância iniciada por mulheres e perpetuada pelos grupos que não aceitavam a distribuição binária –, dada a presença de hegemonias masculinistas que geravam metapragmáticas machistas, misóginas, sexistas e LGBTQIA+fóbicas. Segundo Possenti (2022, p. 34), as lutas e as tentativas de solução no interior da língua não deveriam ser desmerecidas por se associarem a uma demanda ideológica; ao contrário, elas revelam que “... grupos ou pessoas podem, de seu lugar, perceber problemas impossíveis de serem percebidos de outro(s) lugar(es)”. Na busca por soluções a esses problemas (que são interiores e, sobretudo, exteriores à língua), salientamos a importância de favorecer o acolhimento a pessoas de distintas identidades de gênero, de modo que as marcas linguísticas sejam somente a ponta do *iceberg*. Consoante explicam Lau e Sanches (2019), não se trata de mudar a visão a respeito da língua, mas de legitimar práticas sociais que até então não eram vistas por grande parte da sociedade.

Resgatando o que propusemos na seção anterior, reiteramos a importância da voz da sociedade (que é [super]diversa) na avaliação das violências que emergem de discursos puristas de *preservação* da língua. Em afiliação a uma linguística engajada socialmente e comprometida com a justiça social, acreditamos ser altamente urgente dar visibilidade a ideologias linguísticas que regimentam metapragmáticas LGBTQIA+fóbicas, sobretudo quando os/as agressores/as se valem de estratégias de impolidez indiretivas (como é o caso da ironia). Uma ditadura de escrita que insiste no masculino genérico – ou melhor, coíbe outras possibilidades linguísticas mais consonantes com a diversidade de gêneros sociais – padroniza aquilo que não se padroniza; violenta, em algum grau, existências.

Seria uma postura bastante ingênua – para dizer o mínimo – considerar que o masculino genérico seria um simples fenômeno linguístico, visto ser ele “... um produto de convenções sociais e políticas de sociedades patriarcais” (Borba; Lopes, 2018, p. 257). Instituir um olhar crítico para esse cenário significa denunciar um projeto ideológico que tenta – a qualquer custo – ofuscar as nossas percepções relacionadas ao uso da língua(gem), por meio de um enquadre hegemônico que, violentamente, se situa na máxima de que língua *correta* é enunciada por uma elite dominante, masculina/patriarcal,

branca e cisgênero. Às outras identidades de gênero, resta apenas a submissão ao padrão estabelecido.

Propiciar espaços para a reflexividade metalinguística colabora para desconstruirmos “... regimes de verdade sobre como a língua é, como deve funcionar e qual a sua relação com a realidade” (Borba; Lopes, 2018, p. 254); para questionarmos “... o potencial referencial das formas de gênero diante da diversidade de corpos existentes na história...” (Carvalho, 2022, p. 128); e para combatermos, frontalmente, violências simbólicas e até físicas – muitas vezes, alimentadas pelo enquadre hegemônico de *brincadeira* e pela etiqueta linguística do silêncio (Pinto, 2019). Desconstruir metapragmáticas LGBTQIA+fóbicas, sexistas e patriarcais deve ser a postura de qualquer pessoa que compreenda minimamente que a diversidade – dado sermos diversos/as no falar, no performar e no existir – merece ser celebrada, e não vulnerabilizada.

Nunca foi (apenas) sobre o linguístico! Cabe frisar que o julgamento não ocorre apenas com base em critérios linguísticos, mas também com base nas posições e nas identidades dos/as interagentes em dada ordem sociocultural e política (Signorini, 2006; Signorini; Lucena, 2023). Borba e Lopes (2018, p. 258) frisam que, “... assim como o gênero social é marcado por relações de poder, o gênero gramatical é permeado por assimetrias que extrapolam o linguístico e alcançam o social e vice-versa”. Sob esse prisma, as identidades e as ideologias que subjazem a língua regimentam uma arena de embates metapragmáticos. Logo, fortalecer comunidades vulnerabilizadas é sinônimo de oferecer condições para uma conscientização metapragmática no que tange à relação imbricada entre língua e sociedade; de dar visibilidade a estratégias que tentam deslegitimar os usos; e de combater metapragmáticas violentas. Em total acordo com Carvalho (2022), ratificamos que a introdução de estratégias não binárias de referencialidade é capaz de propiciar (minimamente) uma justiça linguística de gênero.

Para nós, essa justiça se relaciona com diversos aspectos, como o respeito à diversidade de repertórios sociolinguísticos; a legitimação de usos linguísticos não-binários; o combate a metapragmáticas regimentadas para desvalorizar e deslegitimar a existência de pessoas que se identificam com recursos de linguagem não-binários; e o sincero desejo de propiciar interações mais harmônicas a todos/as. Nesse sentido, essa conscientização/reflexividade metapragmática deve propiciar o respeito às territorialidades, o acolhimento, a valorização dos lugares de fala e de existência, e a luta conjunta para minimizar os efeitos da violência linguístico-discursiva que vulnerabiliza vidas.

Sob a inspiração de Bentes *et al.* (2022), salientamos que utilizar recursos linguísticos de linguagem não-binária significa não só aceitar e performatizar uma linguagem inclusiva, mas, sobretudo, reconhecer a existência e os direitos das ditas minorias sociais. Por extensão, hostilizar tais recursos e tais performatizações significa violentar a existência e os direitos de pessoas que, socialmente, já são constantemente vulnerabilizadas. Em plena adesão a Carvalho (2022, p. 139), avaliamos que “a adoção de estratégias justas para gênero deve visar reduzir os estereótipos e a discriminação”, o que, para nós, colaboraria com a minimização de cenários de violência, de modo que esta não se sustente nem nas convenções linguísticas, nem nas práticas socioculturais. Admitimos que respeitar o uso de estratégias não binárias de referencialidade significa lutar por justiça linguística

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

de gênero (Carvalho, 2022) e, ainda, lutar para minimizar a insegurança que constantemente afeta pessoas LGBTQIA+.

4. O percurso da pesquisa: interações no X em enquadre epistêmico qualitativo

Nesta seção, discutiremos sobre os atributos que caracterizam a abordagem qualitativa e, na sequência, elencaremos as ações de pesquisa na composição do *corpus* que será analisado na próxima seção: uma interação no X (antigo *Twitter*). Antes de tudo, cabe frisar que a pesquisa qualitativa não prima pela representatividade numérica. Ela deve ser, portanto, “representativa, não no sentido estatístico ou por representar a realidade em uma população básica” (Flick, 2009, p. 47), e sim na intensidade do fenômeno situado em certa dimensão sociocultural (Minayo, 2017). Além desse atributo – central para análises qualitativas –, citamos a singularidade dos sentidos, a interpretabilidade (Stake, 2011); bem como o caráter exploratório, fluido, flexível de uma episteme orientada por dados e sensível ao contexto (Mason, 2002). Abrigadas sob o guarda-chuva de uma episteme qualitativa, elegemos, como métodos, a Netnografia e a Análise de Discurso Crítica.

A Netnografia consiste em “forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores” (Kozinets, 2014, p. 9-10). Por ser um método interpretativo e investigativo dos comportamentos culturais de comunidades *on-line* (Kozinets, 1997), a Netnografia possibilita descrever ações humanas contextualmente situadas no X. A Análise de Discurso Crítica (ADC) projeta, no texto, uma dimensão discursivo-crítica. Com base nas orientações da ADC propostas por Bessa e Sato (2018), identificamos o problema social que afeta a ordem social (as violências associadas ao uso da linguagem não-binária); mapeamos os recursos linguístico-discursivos para realizar a análise (as estratégias de impolidez que projetam ideologias linguísticas excludentes, bem como deflagram metapragmáticas violentas); e, por último, propiciamos algumas reflexões a partir da prática sociocultural vivenciada (a reflexão relativa ao compromisso de pesquisas linguísticas socialmente engajadas com o cenário de violência emergente de interações mediadas *on-line*).

No que tange às ações de pesquisa, elas ocorreram em duas fases. Na primeira fase, (1) utilizamos a ferramenta de pesquisa no X (antigo *Twitter*) com as palavras-chave: *threads*, linguagem neutra e linguagem não-binária; (2) selecionamos *threads* com agressões dirigidas a pessoas que usam a linguagem não-binária; (3) filtramos *threads* situadas no intervalo temporal de 2020 a 2021 (período de pandemia); (4) elegemos uma *thread* com maior densidade de violência linguístico-discursiva na construção argumentativa; (5) geramos um documento com o *print screen* da *thread*, preservando-se a identidade do/a interlocutor/a; (6) transcrevemos a postagem para remover quaisquer pistas que identificassem a autoria do/a interlocutor/a; (7) mapeamos as estratégias de impolidez que geravam violência linguístico-discursiva; e, por fim, (8) analisamos os recursos linguístico-discursivos utilizados. Nessa fase, escolhemos o Enem como a temática que se interseccionava com o uso da linguagem não-binária, haja vista ter sido esta a temática da *thread*.

Na segunda fase, tendo escolhido tanto a *thread* quanto a temática, (9) selecionamos comentários com agressões que relacionassem o uso de linguagem não-binária e a produção do texto dissertativo no Enem; (10) elegemos quatro comentários que, a um só tempo, trouxessem maior densidade de violência linguístico-discursiva e abarcassem posições distintas quanto ao uso da linguagem não-binária (duas favoráveis e duas contrárias); (11) geramos um documento com o *print screen* da interação, preservando-se as identidades dos/as interlocutores/as; (12) transcrevemos as postagens para suprimir quaisquer pistas que identificassem a autoria dos/as internautas; (13) mapeamos as estratégias de impolidez que construíam violência linguístico-discursiva; e, finalmente, (14) analisamos os recursos linguístico-discursivos empregados na interação.

5. Ironia entre a *thread* e os comentários: uma interação no X sob análise

A partir de nosso percurso de pesquisa, conforme evidenciamos na seção anterior, dividiremos a análise em duas fases: (1) a *thread* publicada por um/a internauta que ironizou o uso da linguagem não-binária, ao sugerir que essa linguagem poderia ser utilizada na prova de redação do Enem; e (2) a reação à *thread* de quatro internautas com posições divergentes entre si quanto ao emprego da linguagem não-binária e, por conseguinte, quanto à (não) relação desse uso com a prova de redação do Enem. Vejamos, a seguir, a *thread* do/a interagente A.

Quadro 1: Thread do/a interagente A

O POR QUÊ de se usar PRONOME NEUTRO NO ENEM – A THREAD (*emoji* de uma folha)

Todes nois sabemos que Linguagem Neutra é essencial para uma boa experiência de comunicação, principalmente quando estamos falando para um grupo. Afinal, nem todes as pessoas são/se identificam com gênero masculino

Então (*emoji* de dedo indicador apontando para baixo)

Então na redação do Enem nois deveríamos nos unir para enfrentar o sistema opressor... Use “Senhore” em vez de “Senhor”, Senhora” e “Senhorita”. Use “elus” ou “els” em vez de “ele” ou “ela”

Como diria anitta: o pove unide jamais sera vencide.

Para aqueles que tentam ser mais sensíveis ao uso de gênero em sua linguagem cotidiana, existem bons jeitos para começar a redação do enem. Veja a seguir:

Use “elus”, use senhore, use aquelu, use aquile

VAMOS LUTAR PARA UM ENEM MAIS INCLUSIVO

Fonte: Twitter (2021).

O/a interagente A iniciou a postagem com uma retórica bastante típica da *thread*, que consiste em uma sequência de *tweets* com vistas a exhibir um ponto de vista para ser debatido com os/as internautas. No primeiro comentário, ele/a tratou da importância da linguagem neutra para uma boa comunicação; e, no terceiro comentário, das pessoas que tentam ser mais sensíveis a esse uso. Mesmo sem denotar agressividade (ao menos, explicitamente), ambas as passagens pareciam se desvincular da ideia de puramente manifestar um ponto de vista. Acreditamos que o intuito era criticar, valendo-se de uma

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

estratégia de *mock politeness* (ou pseudo-polidez), que, segundo Culpeper (1996, 2011), diz respeito ao ato de ameaça à face executado por meio de estratégias de polidez falsas/insinceras. Portanto, a polidez se instanciaria apenas na superfície linguística, construindo-se, assim, um enunciado irônico (entre a polidez e a impolidez).

Além de ter empregado pseudo-polidez, a ironia desses enunciados se intensificou pela reunião de argumentos totalmente contrários às ideologias linguísticas subjacentes ao uso da linguagem não-binária, visto que esse uso não se relaciona à *boa experiência na comunicação* (primeiro comentário), tampouco à *maior sensibilidade ao uso do gênero* (terceiro comentário), aproximando-se, nesse último caso, de um discurso politicamente correto esvaziado de sentido. Assim, os dois comentários que, em tese, não trariam violência linguístico-discursiva trouxeram potencial violência, na medida em que adulteraram uma agenda legítima que, segundo Carvalho (2022), valida as estratégias não binárias de referencialidade com vistas à justiça linguística de gênero. A esse respeito, frisamos a importância de oportunizarmos, inclusive nas redes sociais, espaços para a reflexividade metapragmática, de forma a desvelar o que é, oportunamente, ocultado; reorientar as interpretações que ironizam causas legítimas; e, ainda, desnaturalizar a aceitação de violências de qualquer ordem, inclusive as simbólicas.

No primeiro e no segundo comentário, o/a interagente A fez uso do pronome *nois*, com o provável desejo de associar o uso da linguagem não-binária a uma manifestação linguística socialmente desvalorizada, haja vista que ambas seriam dissonantes da norma-padrão – que é “... um modelo artificial, arbitrário, construído segundo critérios de bom gosto vinculados a determinada classe social, a determinado período histórico e num determinado lugar” (Bagno, 2017, p. 311) – e, na visão dele/a, não deveriam ser utilizadas (em um texto do tipo Enem). A metapragmática em comum é a calibragem pragmática (Silverstein, 1993) de desvalorização e de deslegitimação de repertórios linguísticos que remodelam a própria compreensão sobre os usos das variedades linguísticas em dado campo sociolinguístico (Irvine; Gal, 2000) para racionalizar/justificar usos linguísticos (Silverstein, 1979) considerados indevidos, intensificar a ironia já enunciada e adensar a violência linguístico-discursiva.

Embora o uso de *nois* possa, por exemplo, representar “... um caso típico de resistência à mudança linguística da camada de baixo da hierarquia social” (Coelho, 2006, p. 51), em que “... variantes estigmatizadas, evitadas por falantes que experimentam ou experimentaram ascensão social, recebem uma nova avaliação entre certos jovens da periferia paulistana” (Coelho, 2006, p. 149), o contexto sob análise (a *thread*) reforçou um estereótipo negativo desse uso, que foi intensificado pelos recorrentes recursos de linguagem não-binária utilizados de forma indevida, como analisaremos mais adiante. *O mano da cidade de São Paulo* – que, na pesquisa de Coelho (2006), utilizaria *nois* como marca identitária da qual teria orgulho – não teria um desempenho satisfatório no Enem na visão do/a interagente A. Assim, ele/a deixou evidente sua crença de que os usos linguísticos deveriam ser completamente higienizados não só pela gramática normativa, mas também pelo preconceito

sociocultural direcionado a pessoas periféricas, negras e LGBTQIA+, mostrando uma completa cegueira social e ideológica para a diversidade de contextos de uso e para uma concepção de língua como um rio caudaloso e vivo (Bagno, 2001), cujas normas linguísticas, para cada grupo social e situação particular, podem ser próprias (Mattos e Silva, 2004).

Ao empregar (ironicamente) a linguagem não-binária, o/a interagente A não buscou uma solução no interior da língua para ratificar a luta pela referencialidade não-binária (Carvalho, 2022; Possenti, 2022), mas ironizou as legítimas soluções morfológicas partilhadas por pessoas que se identificam com essa linguagem. Trata-se das expressões *pegoes* (primeiro comentário) e *o pove unide jamais será vencide* (segundo comentário), que claramente têm correspondentes já previstos em nossa ortografia com sentidos alinhados a uma proposta não-binária, uma vez que *pegoes* e *povo* (*unido/vencido*) já marcariam gênero (gramatical) neutro. Desse modo, tais configurações linguísticas indexalizaram – mais uma vez – uma pseudo-ideia agregadora (e, portanto, uma ideia irônica), dado que, para um/a internauta menos atento/a, as escolhas léxico-gramaticais podem soar compatíveis com repertórios linguísticos afiliados a usos não-binários. No âmbito da proxêmica linguístico-discursiva, houve a tentativa de proximidade interlocutiva que não gera afiliação; ao contrário, gera violência linguístico-discursiva – em decorrência da ironia, que, no texto, se tornava cada vez mais latente. Além disso, o/a interagente A propagou uma ideologia linguística de que a linguagem não-binária visava deturpar o funcionamento da língua, o que vai de encontro à luta pela linguagem inclusiva, que não pretende, conforme Lau e Sanches (2019), mudar a visão sobre a língua, mas legitimar práticas sociais invisibilizadas.

Essa caricaturização no uso dos pronomes neutros, com o acréscimo da partícula neutra em palavras que não possuem flexão de gênero, inegavelmente manifestou agressividade, dado o (crescente) tom pejorativo da *thread*, que regimentou metapragmáticas desvalorizadoras, deslegitimadoras, LGBTQIA+fóbicas (especialmente, transfóbicas) por meio de estratégias de impolidez que promoveram ameaça indireta à face (Culpeper, 1996) das pessoas que aderiam à linguagem não-binária, consoante preveem os estudos de primeira onda de (im)polidez. Em razão da indiretividade, essa ameaça indireta à face podia ser distintamente percebida pelos/as interagentes convocados/as na interação – tanto pessoas que se identificassem com a linguagem não-binária quanto pessoas que apoiassem esse legítimo uso. Essa análise reitera a importância de considerarmos as contribuições dos estudos de segunda onda e de terceira onda, ao preveem, respectivamente, a reflexividade êmica quanto ao uso de estratégias de (im)polidez nas distintas práticas socioculturais e, conforme Grainger (2011), a junção linguístico-discursiva na análise holística das interações.

Assim como o termo *militância* vem recebendo uma acepção pejorativa, ou ainda um *esvaziamento político*⁷ (Amâncio, 2022), *nos unir para enfrentar o sistema opressor* (segundo comentário) pareceu veicular uma ideologia linguística similar, cuja calibragem pragmática fez emergir

⁷ Amâncio (2022, p. 67) registra que a palavra *militante* porta, no contexto da internet, um *esvaziamento político*, visto serem “... comuns mensagens satíricas em relação a problematizações consideradas exageradas – algumas das mensagens ou memes mais conhecidos nessas situações são ‘descansa, militante’ e ‘militou errado’”.

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

metapragmáticas deslegitimadoras e violentas, ao ativar a ironia tanto pela expressão em si quanto pelo acionamento de um contexto (Van Dijk, 2012) cuja subjetividade evocaria um sentido que não é nada afiliador. O/a interagente A acionou um enquadre hegemônico de *brincadeira* e uma etiqueta linguística do silêncio (Pinto, 2019), ao ter desvelado, pela ironia empregada, que reclamar desse sistema opressor (que, para ele/a, não seria nada opressor) era uma espécie de *mimimi*. Com essa falsa afiliação, ele/a poderia argumentar, se questionado/a, que suas intenções eram boas, afinal a ironia nos permite flutuar pela ambivalência de sentidos provisoriamente gerada. Frisamos, portanto, que a consciência metapragmática na interpretação dessas ironias e no combate a metapragmáticas violentas (especialmente aquelas que disfarçam a violência) seria o caminho para fortalecer comunidades que, com frequência, são atacadas.

Ao fazer menção à Anitta, com o destaque para a inicial minúscula, o/a interagente A acionou metapragmáticas sexistas e misóginas com o uso de estratégias de impolidez positiva, que agrediram a face positiva da artista, à proporção que a desvalorizou por vários fatores: ser mulher, ser criticada tanto pelo estilo de música que canta e dança quanto pelas roupas que costuma trajar, e ser alguém que, de algum modo, apoia as lutas das comunidades LGBTQIA+. Não por acaso, a frase original – *o povo unido jamais será vencido* – não tinha obviamente tanta relação com a artista, mas o uso caricaturado da linguagem não-binária foi endereçado a uma pessoa que, além de não ter o nome grafado com a inicial maiúscula, foi avaliada como alguém intelectualmente desprestigiada, devido às avaliações que sujeitos contagiados por hegemonias masculinistas frequentemente fazem.

A violência linguístico-discursiva, novamente, imperou na *thread*, já que o/a interagente A não mencionou qualquer pessoa (nem qualquer mulher). Depexe *et al.* (2020, p. 112) afirmam que “Anitta ainda é uma representação midiática da mulher hipersexualizada da favela... [e]... propaga uma imagem que muitas mulheres da classe popular não gostariam de estar associadas, pois identificam o estereótipo como nocivo”. Essa análise – de Depexe *et al.* (2020) – colabora para ratificar a ideia que veiculamos na seção 3 (*Nunca foi (apenas) sobre o linguístico!*), tendo em vista que os julgamentos – ancorados ao falso incômodo linguístico – são ideologicamente dirigidos a corpos periféricos, insubmissos, femininos, LGBTQIA+, a fim de, cada vez mais, estereotipar, discriminar, violentar e vulnerabilizar. Não há como sustentar mais o argumento de que a defesa é linguística, e sim de que o ataque é ardilosamente seletivo!

Por fim, no terceiro comentário, o/a interagente A falseou uma dica (*existem bons jeitos para começar a redação do enem*) e uma luta da qual, indiscutivelmente, não faz parte (*VAMOS LUTAR PARA UM ENEM MAIS INCLUSIVO*). Essa constatação decorre da análise do texto na íntegra. Em suma, o/a interagente A desconsiderou a diversidade linguística e as necessidades interlocutivas de uma parcela das pessoas que integram comunidades LGBTQIA+ (já que nem todos/as manifestam essas necessidades); acionou uma visão de uso de variedades linguísticas em dado campo sociolinguístico altamente deturpada (Irvine; Gal, 2000); avaliou um uso de linguagem (Signorini, 2008) de forma caricata; reduziu a distância interlocutiva (Albuquerque; Muniz, 2022)

com pessoas que se identificariam com a linguagem não-binária em postura nada afiliadora (e sim violenta); desvelou um conjunto de estratégias de impolidez que ameaçaram indiretamente a face (Culpeper, 1996) por meio da ironia difusa em toda a *thread*, desvelando metapragmáticas sexistas, LGBTQIA+fóbicas, silenciadoras e vulnerabilizadoras; e promoveu violência em uma interação mediada *on-line* (Thompson, 2018), o que significa vulnerabilizar ainda mais a face de quem se identificaria com a linguagem não-binária, por ser ridicularizado/a em uma interação de muitos/as para muitos/as (cuja capacidade de viralização é muito grande). Passemos, agora, aos comentários dos/as interagentes B, C, D e E em reação à *thread*.

Quadro 2: Comentários dos/as interagente B, C, D e E em reação à *thread*

| | |
|---|--|
| B | Atenção a Todes, Nescau e Nesquik! Se você usou o gênero neutro na prova do Enem, eu tenho um comunicado muito importante para te fazer: VOCÊ ZEROU A REDAÇÃO (um <i>emoji</i> de riso) |
| C | vc tira 0 na redação do enem caso: - não fale sobre o tema - escreva um texto em um gênero que não o dissertativo-argumentativo - escreva algo desconexo com o texto ou desenho - escreva só 4 linhas veja só, escrever pronome neutro nao entra na lista de critérios (<i>emoji</i> de uma menina com a palma das mãos viradas para cima) |
| D | Eu adoro esse tipo de tweet pq até onde me lembro o gênero da redação do enem é dissertação argumentativa, um gênero que você apresenta um tema e debate de forma impessoal??? Não pode usar pronome pessoal neutro em redação do enem pq não se usa pronome pessoal nesse gênero????? |
| E | é cada uma que me aparece, escreve assim no Enem pra ver a redação desconstruida |

Fonte: Twitter (2021).

O/a interagente B – ao ter usado de modo caricato o termo *Todes* (e, por similaridade sonora com o achocolatado *Toddy*, ter feito menção a *Nescau* e *Nesquik*) – acionou o enquadre hegemônico de *brincadeira* e a etiqueta linguística do silêncio (Pinto, 2019), de forma que, caso houvesse reações inflamadas relacionadas ao trocadilho, ele/a seria capaz de refutar com um enunciado do tipo *Calma, não apela não que eu estou só brincando*, que é muito comum quando o desejo é o de deslegitimar uma causa que não seria relevante para quem enuncia. A partir da proposta de Culpeper (2011), avaliamos que o/a interagente B usou uma estratégia de impolidez para entretenimento, ao ter decidido debochar, criticar e fazer chacota de alguém que se afilia ou apoia o uso da linguagem não-binária para causar entretenimento a terceiros/as. Assim, o/a interagente B pareceu agir movido/a pelo prazer de se sentir superior ao alvo da violência.

Transpondo essa proposta para a interação em curso, o estatuto interacional emergente de contextos digitais faz com que o deboche, as críticas e as chacotas endereçados a pessoas que utilizam a linguagem não-binária se potencializem, e, assim, ameacem mais intensamente as faces de tais pessoas, pressupondo-se que os/as agressores/as ganhariam apoio de terceiros/as que se afiliassem a

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

esse tipo de violência. Tais ações se intensificariam com o enunciado *VOCE ZEROU A REDAÇÃO*, que, ao comemorar o hipotético insucesso do/a candidato/a, sinalizava sarcasmo (o que, portanto, transcendia a ironia). A notória (e proposital) insensibilidade para a legitimidade do uso da linguagem não-binária e o apelo ao *estranhamento* relativo a aspectos morfológicos não convencionais tanto atacam identidades quanto desregulam usos em prol da moralidade, da estética e dos conhecimentos. Tais conhecimentos não seriam esperados no exame – que foi citado apenas para deslegitimar os usos, dado que ele se configuraria como instrumento avaliativo que, por si só, evoca uma relação assimétrica de poder e faz emergir um discurso institucional de autoridade –, mas nas redes sociais. Sob essa ótica, o incômodo não se relacionaria com os usos em si, mas com os/as usuários/as, cujas identidades são violentadas a qualquer custo.

Em função de o/a interagente B ter se revestido de um argumento de autoridade, ao fazer menção ao Enem, o/a interagente C manteve sua linha argumentativa na mesma temática, mas, ao contrário do/a primeiro/a, mencionou os critérios avaliativos que poderiam desclassificar os/as candidatos/as. Independentemente da fidedignidade desses critérios, o argumento parecia cumprir com o propósito de reiterar o que o/a próprio/a interagente B já deveria ter ciência: o exame não trata sobre o uso da linguagem não-binária nos textos. Nesse sentido, imaginamos que o/a interagente C mobilizou, assim como fará o/a interagente D, metapragmáticas que, de algum modo, defendiam e legitimavam tal uso, em movimento contra-hegemônico aos ataques oriundos da postagem do/a interagente B (assim como da *thread* do/a interagente A).

Fazendo menção a atributos do gênero dissertação escolar, o/a interagente D se pautou em um regramento muito propagado por escolas e cursos preparatórios para o Enem de que o texto deveria ser impessoal, o que significaria, na visão dele/a, que não seria realizada no texto qualquer referência a pessoas que pudesse motivar o uso da linguagem não-binária. Tanto o/a interagente C quanto o/a interagente D, que pareciam se alinhar em relação ao uso da linguagem não-binária, mantiveram a ironia nos comentários. Porém, é preciso fazer a ressalva de que, ao ter usado *emoji* em sinal de questionamento (interagente C) e verbalizado que adorava esse tipo de *tweet* (interagente D), nenhum deles/as violentou a face dos/as demais. A partir dessa análise, constatamos que a ironia, em uma perspectiva contínua, constrói sentidos que variam da mínima à máxima lesão às faces e violência aos/às interlocutores/as. Diferentemente do enunciado do/a interagente B, a ironia aqui não só legitimaria tal repertório linguístico, mas também construiria metapragmáticas afiliadoras e valorizadoras da diversidade linguístico-cultural.

É provável que o comentário do/a interagente E tivesse surgido em oposição aos dois anteriores (dos/as interagentes C e D). Embora o enunciado é cada uma que me aparece pudesse ativar retrospectivamente qualquer conteúdo semântico, *escreve assim no Enem pra ver a redação desconstruída* trouxe tom ameaçador no que tange ao uso da linguagem não-binária. Em *redação desconstruída*, há, em nossa visão, o mesmo estereótipo negativo de *militância* e de *sistema opressor*. Em adesão parcial aos argumentos do/a interagente B, notamos que o/a interagente E pareceu sugerir

que – mesmo que o uso de linguagem não-binária não tivesse sido abordado no manual do/a candidato/a e as demais regras (enumeradas pelos/as interagentes C e D) estivessem explicitadas no documento – as pessoas não deveriam se arriscar, valendo-se muito provavelmente da ideia de que o estranhamento do/a avaliador/a, devido à subjetividade que permearia a avaliação, poderia motivá-lo/a a penalizar o/a candidato/a pelo uso feito.

De modo geral, a *thread* (interagente A) utilizou a ironia como recurso para deslegitimar o uso da linguagem não-binária. O/a interagente A se valeu das seguintes estratégias: uso de pseudo-polidez (necessidade de tratar da importância da linguagem neutra para a comunicação e da sensibilidade ao uso dessa linguagem); usos linguísticos desvalorizados e estigmatizados pelo senso comum (*nois*); alterações morfológicas caricaturais (*pegoes, pove, unide e vencide*); uso de expressões com conotação pejorativa (*enfrentar o sistema opressor*); deslegitimação de figura feminina (*anitta*); falsas dicas (*para começar uma redação*) e falsas adesões a lutas (*para um Enem mais inclusivo*). A partir da análise feita, concluímos que esse conjunto de estratégias linguísticas irônicas regimentou metapragmáticas de violência linguístico-discursiva.

Na interação dos/as quatro internautas, a ironia, por um lado, deslegitimou o uso da linguagem não-binária tanto ao caricaturar recursos morfológicos de linguagem não-binária e achar engraçado o insucesso de um/a candidato/a hipotético/a em uma avaliação do tipo Enem (interagente B), utilizando estratégia de impolidez para entretenimento (sarcasmo); quanto ao se valer de uma expressão associada a um estereótipo negativo relacionado à linguagem não-binária (interagente E), ratificando o caráter ameaçador e sarcástico. Por outro lado, a ironia legitimou o uso da linguagem não-binária com a explicitação dos critérios que possibilitariam à banca avaliar o/a candidato/a com nota zero, desvinculando o mal desempenho no exame do uso dessa linguagem (interagentes C e D). A partir dessa análise de dados, afirmamos que os/as interagentes B e E regimentaram metapragmáticas de violência linguístico-discursiva relativas ao uso da linguagem não-binária; enquanto os/as interagentes C e D buscaram combatê-las.

Considerações finais

No âmbito teórico, salientamos que discursos pautados no purismo linguístico podem, na verdade, ocultar intenções de violentar o/a interlocutor/a socioculturalmente diverso/a. Nas interações mediadas *on-line*, emergem – a todo momento – metapragmáticas que regimentam violências de toda ordem. Por essa razão, é salutar fomentarmos debates no que concerne ao desenvolvimento de uma consciência metapragmática que não só diagnostique as estratégias de impolidez, as ideologias linguísticas ou a redução de distâncias interlocutivas que ameaçam a territorialidade; mas que, em especial, combata a emergência de metapragmáticas violentas por meio de estratégias não binárias de referencialidade que promovam justiça linguística de gênero (Carvalho, 2022), valorizando-se, assim, repertórios socioculturais e lugares de fala/existência. É preciso concebermos que impolidez, violência linguístico-discursiva e hostilização relativas ao uso da linguagem não-binária transcendem

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

instâncias linguísticas, alcançando-se, portanto, instâncias socioculturais, socioemocionais, psicológicas e existenciais.

No âmbito metodológico, reconhecemos que fazer pesquisa qualitativa netnográfica e crítica significa lidar com um percurso de pesquisa criterioso, ao contrário do que a própria academia pode apregoar em relação a esse enquadre epistêmico. Logo, a abordagem qualitativa traz atributos essenciais para pesquisas contextualmente situadas, como é o caso desta, a saber: a singularidade, a interpretabilidade, a fluidez, a flexibilidade e a alta densidade analítica. Além disso, a combinação de métodos (a Netnografia e a Análise de Discurso Crítica) nos possibilitou considerar as idiosincrasias de determinada comunidade *on-line*, cujos estatutos interacionais são indiscutivelmente distintos de interações face a face; assim como partir de dado problema social emergente do meio digital na busca por promover reflexão a partir dos dados analisados.

No âmbito analítico, avaliamos que, em alusão ao objetivo proposto, os/as interagentes A (*thread*), B e E usaram a ironia para deslegitimar o uso da linguagem não-binária, na medida em que se valeram de distintos recursos para tal, como a pseudo-polidez, a desvalorização de repertórios, as alterações morfológicas caricaturais, as acepções pejorativas, a deslegitimação do feminino, a pseudo-adesão a lutas e o sarcasmo (impolidez para entretenimento), de modo a regimentarem metapragmáticas de violência linguístico-discursiva. Os/as interagentes C e D, por outro lado, usaram a ironia para defender a legitimidade do uso da linguagem não-binária, ao explicitarem critérios que poderiam atribuir nota zero aos/às candidatos/as e que não teriam qualquer relação com o uso da linguagem não-binária, a fim de regimentarem metapragmáticas combativas à violência linguístico-discursiva.

Como evidenciamos em todo o artigo, acreditamos que as violências associadas ao uso da linguagem não-binária, indiscutivelmente, afetam a ordem social, já que ameaçam – em um nível mais extremo – a existência de pessoas que se afiliam às comunidades LGBTQIA+. Logo, mapear estratégias de (im)polidez que permeiam interações mediadas *on-line*, como é o caso do X, não constitui o fim, mas o meio para a promoção da reflexividade metapragmática. Nesse sentido, diagnosticar metapragmáticas violentas é um primeiro passo para a denúncia de ações LGBTQIA+fóbicas e para a luta por justiça linguística de gênero (Carvalho, 2022) em respeito à diversidade de corpos que performam nas diferentes esferas socioculturais.

Referências

ALBUQUERQUE, Rodrigo; ALVES, Suzy de Castro. “O feminismo finalmente venceu”: metapragmáticas misóginas e antifeministas disfarçadas de liberdade de expressão. *Bakhtiniana*, no prelo.

ALBUQUERQUE, Rodrigo; MUNIZ, Aline. Proxêmica linguístico-discursiva: um mecanismo de modalização intersubjetiva. *Fórum Linguístico*, v. 19, n. 4, pp. 8586-8603, 2022.

ALBUQUERQUE, Rodrigo; SOUSA, Ana Luiza Nogueira. “Gente, temos um gênio aqui”: a coconstrução da violência linguístico-discursiva em uma interação no Twitter. *Letras Raras*, v. 11, n. 3, pp. 377-404, 2022.

- AMÂNCIO, Michel Francisco. *Ação contra-hegemônica em rede: comunicadores marxistas no Brasil*. 2022. 126f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2022.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário Crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAGNO, Marcos. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 6. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “neutra”: Língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022.
- BELL, Nancy D. Pragmatics, humor studies, and the study of interaction. In: ILIE, Cornelia; NORRICK, Neal R. (eds.). *Pragmatics and its Interfaces*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. pp. 291-309.
- BENTES, Anna Christina; CRUZ, Rafaely Carolina da; MENDES, Carolina Jansen Gandara. Feminismo, mídias digitais e linguagem inclusiva. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “neutra”: Língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022. pp. 95-118.
- BESSA, Décio; SATO, Denise Tamaê Borges. Categorias de análise. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. (org.). *Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018. pp. 124-157.
- BLITVICH, Pilar Garcés-Conejos. Impoliteness and conflict in Spanish. In: KOIKE, Dale A.; FELIX-BRASDEFER, J. Cesar (eds.). *The Routledge handbook of Spanish Pragmatics*. New York: Routledge, 2021. pp. 371-386.
- BLITVICH, Pilar Garcés-Conejos; SIFIANOU, Maria. Im/politeness and discursive pragmatics. *Journal of Pragmatics*, v. 145, pp. 91-101, 2019.
- BLOMMAERT, Jan. Ideologias linguísticas e poder. Tradução de Ive Brunelli. In: SILVA, Daniel N.; FERREIRA, Dina M. M.; ALENCAR, Claudiana. N. (org.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014. pp. 67-77.
- BORBA, Rodrigo; LOPES, Adriana Carvalho. Escrituras de gênero e políticas de différence: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. *Linguagem & Ensino*, v. 21, n. esp., pp. 241-285, 2018.
- BOUSFIELD, Derek. *Impoliteness in Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

CARREIRA, Maria Helena. *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain-Paris: Peters, 1997.

CARVALHO, Danniell. Quem é êla? A invenção de um pronome não binário. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “neutra”*: Língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022. pp. 119-139.

COELHO, Rafael Ferreira. *É nós na fita!* Duas variáveis lingüísticas numa vizinhança da periferia paulistana (O pronome de primeira pessoa do plural e marcação do plural no verbo). 2006. 182f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CULPEPER, Jonathan. *Impoliteness: using language to cause offense*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, Jonathan. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v. 25, pp. 349-67, 1996.

DEPEXE, Sandra; VIEIRA, Alexandra Martins; MARQUES, Laura Simon; FREITAS, Marina Judiele dos Santos. Vai malandra: Anitta e as discussões no Twitter acerca da representatividade da mulher brasileira. *Cambiassu*, v. 15, n. 26, pp. 100-114, 2020.

DYNEL, Marta. The landscape of impoliteness research. *Journal of Politeness Research*, v. 11, n. 2, pp. 329-354, 2015.

EELLEN, Gino. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome, 2001.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Mobility and discourse circulation in the contemporary world: the turn of the referential screw. *Revista da Anpoll*, n. 40, pp. 129-140, 2016.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Transcontextos educacionais: gêneros, sexualidades e trajetórias de socialização na escola. In: SILVA, Daniel N.; FERREIRA, Dina M. M.; ALENCAR, Claudiana. N. (org.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, pp. 145-189.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FLICK, Uwe. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRASER, Bruce; NOLEN, William. The association of deference with linguistic form. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 27, pp. 93-109, 1981.

GIORA, Rachel; ATTARDO, Salvatore. Irony. In: ATTARDO, Salvatore (ed.). *Encyclopedia of Humor Studies*. v. 1. Thousand Oaks, CA: Sage, 2014, pp. 397-402.

GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. London/England: Penguin University Books, 1967.

GRAINGER, Karen. ‘First order’ and ‘second order’ politeness: Institutional and intercultural contexts. In: LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (org.). *Discursive approaches to politeness*. Walter de Gruyter: Berlin/Boston, 2011. pp. 167-188.

- HALL, Edward T. A System for the Notation of Proxemic Behavior. *American Anthropologist*, v. 65, n. 5, pp. 1003-1026, 1963.
- HAUGH, Michael. The discursive challenge to politeness research: An interactional alternative. *Journal of Politeness Research*, v. 3, n. 2, pp. 295-317, 2007.
- HAUGH, Michael; CULPEPER, Jonathan. Integrative pragmatics and (im)politeness theory. In: ILIE, Cornelia; NORRICK, Neal R. (eds.). *Pragmatics and its Interfaces*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. pp. 213-239.
- IRVINE, Judith T.; GAL, Susan. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, Paul V. (Ed.). *Regimes of languages: Ideologies, politics, and identities*. Santa Fe: School of American Research Press, 2000. pp. 35-84.
- JORGENSEN, Julia. The Functions of Sarcastic Irony in Speech. *Journal of Pragmatics*, v. 26, n. 5, pp. 613-634, 1996.
- KÁDÁR, Dániel. Z.; HAUGH, Michael. *Understanding Politeness*. UK: Cambridge University Press, 2013.
- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- KOZINETS, Robert V. *On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture*. Illinois: Evanston, 1997.
- LAKOFF, Robin. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. In: CORUM, Claudia W. et al. (eds.). *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, pp. 292-305, 1973.
- LAU, Héilton Diego; SANCHES, Gabriel Jean. A linguagem não-binária na língua portuguesa: possibilidades e reflexões making herstory. *Revista X*, v. 14, n. 4, pp. 87-106, 2019.
- LEECH, Geoffrey N. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.
- LOPES, Mônica Smiderle de Oliveira. A ironia como produção de humor e crítica social: uma análise pragmática das tiras de Mafalda. *(Con)Textos Linguísticos*, v. 3, n. 3.1, pp. 1- 14, 2009.
- MACHADO, Ida Lucia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. *Bakhtiniana*, v. 9, n. 1, pp. 108-128, 2014.
- MASON, Jeniffer. *Qualitative Researching*. 2. ed. London, England: SAGE, 2002.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. “O português são dois...”: Novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 7, pp. 1-12, 2017.
- OLIVEIRA, Fábio A. G.; CARVALHO, Henrique Rabello; JESUS, Jaqueline Gomes. LGBTI+ em tempos de Pandemia da Covid-19. *Diversitates International Journal*, v. 12, n. 1, pp. 60-94, 2020.
- OTHERO, Gabriel de Ávila. Apresentação. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “neutra”*: Língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022.

“O pove unide jamais será vencide”: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no x

PINTO, Joana Plaza. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos *online*. *Interdisciplinar*, v. 31, pp. 221-236, 2019.

POSSENTI, S. O gênero e o gênero. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (orgs.). *Linguagem “neutra”*: Língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022. pp. 17-36.

ROCHA, Gustavo Gomes Siqueira da; MONTALVÃO NETO, Alberto Lopo. Argumentação nas redes sociais: reflexões a partir de uma thread viral do twitter. *Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online*, v. 9, n. 1, pp. 1-8, 2021.

SIGNORINI, Inês. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: SIGNORINI, Inês. (org.). *Situar a língua[gem]*. São Paulo: Parábola, 2008, pp. 117-148.

SIGNORINI, Inês. Repensando a questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a Linguística Aplicada contemporânea. In: Moita Lopes, Luiz Paulo (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp. 169-190.

SIGNORINI, Inês; LUCENA, Maria Inez P. Linguagem e economia política em ativismos no twitter sobre o uso de ‘linguagem neutra’. *Revista da Abralin*, v. 22, n. 1, pp. 1-29, 2023.

SILVA, Daniel Nascimento; ALENCAR, Claudiana Nogueira. A propósito da violência na linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 2, pp. 129-146, 2013.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, v. 23, pp. 193-229, 2003.

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, J. A. (org.). *Reflexive language*. Reported Speech and Metapragmatics. New York: Cambridge University Press, 1993, pp. 33-57.

SILVERSTEIN, Michael. Language Structure and Linguistic Ideology. In: CLYNE, Paul R.; HANKS, William F.; HOFBAUER, Carol L. (org.). *The Elements: a parasession on linguistic units and levels*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979, pp. 193-247.

SILVERSTEIN, Michael. Shifters, Linguistic Categories, and Cultural Description. In: BASSO, Keith H.; SELBY, Henry A. (eds.). *Meaning in Anthropology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976, pp. 11-55.

SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Greg. *Natural Histories of Discourse*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

STAKE, Robert E. *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. Tradução de Richard Romancini. *Matrizes*, v. 12, n. 13, pp. 17-44, 2018.

TSELIKA, Aikaterini. Irony as an Impoliteness Tool: An Exploration of Irony’s Intentionality, Cancellability and Strength. *Athens Journal of Philology*, v. 2, n. 2, pp. 89-108, 2015.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e contexto: Uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, v. 29, n. 6, 2006.

WATTS, Richard J. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WOOLARD, Kathryn A. Introduction: Language Ideology as a Field of Inquiry. In: SCHIEFFELIN, Bambi B.; WOOLARD, Kathryn A.; KROSKRIT, Paul V. (eds.) *Language Ideologies: Practice and Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1998. pp. 3-47.